

20 JUL 1993

Educação, uma discussão sem fim nos EUA

GAZETA MERCANTIL

JORNAL DA MERRANTIL

A Federação Americana dos Professores (AFT) e a Associação Nacional da Educação (NEA) realizaram suas convenções anuais no início deste mês. Individualmente, a maioria dos professores sinceramente deseja melhorar a educação, mas as reuniões deste mês deixaram claro que a principal preocupação de seus sindicatos está em proteger sua posição monopolística. Essa é a razão por que Bret Schundler, o novo prefeito republicano de Jersey City, Nova Jersey, está na mira política dos sindicatos.

O escritório nacional da NEA tomou como alvo o prefeito Schundler porque ele defende para Jersey City o total direito de opção por escola. A questão da opção encabeça uma lista de "Batalhas a Travar" preparada pela filial de Nova Jersey da NEA. Uma carta de 17 de junho, assinada entre outros pelo presidente nacional da NEA, Keith Geiger, adverte sobre o dinheiro ser "desviado" para escolas particulares de Jersey City e pede aos professores de todo o estado que autorizem uma dedução de seus pagamentos para eleger parlamentares contrários à opção, neste outono (setembro-dezembro).

O prefeito Schundler diz

que simplesmente deseja adotar o mesmo princípio que fez os Estados Unidos prosperar — a competição — e aplicá-lo à educação. "Eu quero salvar as escolas públicas das cidades do interior forçando-as a melhorar", diz ele. "Eles podem hoje ter um monopólio, mas ninguém gosta de trabalhar em tal companhia. Eles são uma tragédia urbana."

Mesmo assim, tanto a NEA quanto a AFT promovem políticas que protegem os empregos de professores fracos ou incompetentes à custa daqueles que poderiam melhorar o sistema. O status quo amesquinha os esforços dos bons professores mas também fornece emprego garantido para todos os membros do sindicato. Em boa parte da região nordeste, até mesmo professores marginais podem ganhar US\$ 75 mil por ano ou mais, além de benefícios, por 180 dias de trabalho por ano. O custo disso tudo é estrecedor.

A própria Jersey City gasta uma espantosa soma de US\$ 9,24 mil anuais por estudante, ou mais de US\$ 300 mil por classe. No entanto, apenas 40% de seus alunos do colegial se formam, e muitos que o fazem são na verdade analfabetos. Em 1989, as escolas da cidade

eram tão ruins que o estado assumiu seu controle. Mas transferir o controle de uma instituição política para outra não melhorou a situação.

É inegável que um pequeno progresso foi conseguido. Henry Przystup, que chefeia a associação de diretores de escola de Jersey City, diz que o estado reinterpretou os testes de aptidão que exige para criar a ilusão de melhoria. Przystup concluiu que a opção por escolas particulares é uma reforma essencial porque os esforços menos radicais "são sempre diluídos" pelos sindicatos. Ele observa que 33 escolas de Jersey City foram selecionadas para ter uma administração própria mas apenas uma efetivamente implementou o programa.

Neste outono, o prefeito Schundler espera convencer os parlamentares republicanos de Nova Jersey a deixar que sua cidade permita que os pais recebam de US\$ 3 mil a US\$ 6 mil da ajuda estadual que atualmente flui para Jersey City e usem a quantia para pagar a instrução em escolas particulares locais. Ele assinala que tanto os subúrbios quanto as cidades do interior se beneficiariam. A fórmula de equalização das escolas estaduais desvia US\$ 100 milhões anuais

de distritos escolares mais abastados para os mais pobres. "Meu recado aos subúrbios é o seguinte: parem de dar às cidades o que vocês não querem nos dar, isto é, dinheiro. Dêem às cidades o que nós queremos, isto é, a opção."

A opção é popular entre todos os grupos sociais em Jersey City. As pesquisas de opinião realizadas antes da eleição municipal de maio revelaram que sete em cada dez eleitores apoiaram a ideia. Schundler ganhou 69% dos votos com uma plataforma pró-opção, e duas malas diretas da NEA contra ele foram ignoradas. Przystup, o líder dos diretores, diz que os professores de Jersey City que vivem efetivamente na própria cidade apóiam a opção. O novo chefe do Partido Democrata de Jersey City é James Boylan, um professor de escola pública que apoia a opção.

Jersey City tem uma tradição de educação pluralista. Até 1975, a maioria de seus estudantes estava em escolas particulares. Atualmente, 25% freqüentam escolas católicas. Elas formam mais de 90% de seus alunos a um custo de apenas um terço das escolas públicas. Em síntese, a opção pouparia dinheiro aos contribuintes.

Tudo isso explica por que a NEA nacional quer esmagar a opção escolar na pequena Jersey City. "Os sindicatos de professores não estão com medo de fracassarmos", diz o prefeito Schundler. "Eles estão com medo que nós vejamos bem-sucedidos e que mostremos que dar mais poder aos pais do que aos burocratas é decisivo para melhorar as escolas e acabar com os professores incompetentes."

Schundler sabe que está enfrentando uma luta difícil. A NEA pode dispor de enormes recursos financeiros explorando salários de seus membros (que, certamente, é dinheiro que os contribuintes acham que estão pagando por educação).

Os professores sindicalizados ativistas também "doam" tempo a estas cruzadas antiopção. Schundler diz que os legisladores do Estado de Nova Jersey têm o poder dos sindicatos — eles têm um grande poder de mobilização.

Ainda assim, ele diz que o desejo real de mudança manifestado pelos pais e contribuintes não será facilmente esmagado.